

AS YOU LIKE IT: MACHADO, O TEMPO TRÍBIO, AS CRÔNICAS, O ANGLICIZADO

Vera Harabagi Hanna*

Resumo: Reler as crônicas de Machado de Assis a partir da perspectiva freyriana do tempo tríbico é uma maneira particular de investigar seus textos jornalísticos. Apesar da efemeridade característica do gênero, estão muito além de seu tempo, revelam uma não simultaneidade dos tempos num texto que não se torna velho com o passar dos anos, mas transmuda-se, hoje, em feição de documento histórico, em fonte primária para pesquisadores de estudos culturais, historiógrafos, jornalistas.

Palavras-chave: Machado de Assis; tempo tríbico; crônicas.

“Haverá, afinal, de modo absoluto, tempo morto? Ou o homem é que morre, como indivíduo biológico, para, como pessoa, por vezes sobreviver a si próprio e ao seu próprio tempo, num transtempo, este, como que imortal?”
(Gilberto Freyre)

MACHADO E O TEMPO TRÍBIO

Decompor os textos de Machado de Assis em antecipadamente pós-modernos no que se refere não só à transgressão estética, mas também à subversão de significados universalizantes, à noção do caráter transitório do comentário de acontecimentos locais que se confundem com o global, é apenas uma das dezenas de faces em que é plausível demudar seus escritos semanais publicados em jornais cariocas. Lembrar, do mesmo modo, as men-

ções à fragmentação e ao descentramento das identidades sociais, o cruzamento de fronteiras culturais, o uso da ironia – como que num aprendizado feito transversalmente à conversação literária –, de que se servia do diálogo hipotético cronista-leitor, sem que parecesse cínico, são igualmente marcas distintivas do mestre como periodista. As comparações que, bem ao seu gosto particular de buscar relações de dessemelhança, buscava em notícias de toda sorte, especialmente aquelas relacionadas a assuntos políticos e comportamentais que chegavam da hegemônica Grã-Bretanha, juntavam-se às digressões e aos artifícios para dissimular o pré-texto.

Não importa o momento em que suas crônicas sejam lidas. O leitor de agora, como o de outrora, reconhece o entrecruzamento do social e do cultural em sua obra em diversos segmentos. Emprasta-se, com olhos de século XXI, a visão tipicamente freyriana, para reconhecer o tempo como uma realidade dinamicamente tríplice, que comprime os três tempos, de algum modo os funde, fazendo que não exista somente o presente deste artigo, mas pratique uma interseção de passado, presente e futuro no imaginário tempo tríplice, dessa vez, tipicamente machadiano e lembrado pelo próprio Freyre (1975, p. LXXVI): “Foi freqüentando o Senado do Império como jornalista, que Machado começou a aprender parte a parte do presente que há no passado e vice-versa”. Passado, presente, futuro articulam-se e influenciam-se mutuamente. O tempo social que os encontrara e nos encontra, hoje, com predominância ora do presente, ora do passado, ora do futuro levará seu leitor continuamente a apreender boa parte da história intelectual e social do país documentada com sua “pena hebdomadária”.

Não se pode concordar que crônicas não aceitam releituras, do contrário jamais seriam reunidas em livro e admitiriam ganhar um novo *status*. Os jornais em que foram divulgadas na imprensa, diferentemente do livro, caracterizam-se pelo circunstancial e passageiro, tornando o texto datado e envelhecido no dia seguinte. No entanto, justamente por terem sido transformadas numa sequência de narrativas, como acontece em *A Semana*, crônicas de 1892-1893, objeto deste estudo, oferecem, no novo suporte, um elemento de estudo original, visto agora como documento histórico e estilístico de uma época. Além disso, por apresentarem um novo regime discursivo, constroem uma ponte entre a realidade documentada e a ficção construída, superando, assim, o caráter transitório e descartável do jornal, razão pela qual conseguem entreter (e informar) os leitores até hoje.

A leitura extemporânea implica, indiscutivelmente, uma pesquisa do contexto em que as crônicas foram escritas e enseja, ao mesmo tempo, o papel de fonte primária para aquele exame. Ressalte-se, sobretudo, a importância da dimensão social de seu texto literário, constituído não só da matéria, mas dos valores, dos preceitos de que fala – elementos reveladores da época e fornecidos pela sociedade de seu tempo, marcados, igualmente, pela posição social e pelo ambiente em que o cronista vivia. Transforma-se, no novo suporte, em objeto cultural; também por essa razão, presta-se à leitura tríplice que se faz de suas crônicas. Não será, portanto, uma mera releitura, não será linear, ou uma repetição, mas antes, um instigante jogo de comunicação recíproca de um tempo para outro – do tempo em que vivia e reportava e do nosso próprio tempo. O movimento implacável do “antes” e do “depois” é ao que se assiste nos comentários de Machado em seus escritos semanais, tempo curto entre o acontecimento e sua narração, tempo longo entre seu texto e a leitura hoje.

Observe-se na singularidade do discurso, muito além da importância literária. Iniciar citando Shakespeare, “Eu, se tivesse de dar *Hamlet*, em língua puramente carioca, traduziria a célebre resposta do príncipe da Dinamarca: *Words, words, words* por esta: Boatos, boatos, boatos”¹; em seguida ir ao deboche do furto de lenços, à celebração da execução de Tiradentes e da confusão de supostos tiros de artilharia de uma invasão à cidade do Rio de Janeiro com a salva ao herói mineiro; passar por La Fontaine, para voltar ao bardo inglês e seu natalício, é muito mais que uma digressão,

Tudo são aniversários. Que é hoje senão o dia aniversário natalício de Shakespeare? [...]. Miremos este grande homem; miremos as suas belas figuras, terríveis, heróicas, ternas, cômicas, melancólicas, apaixonadas, varões e matronas, donzéis e donzelas, robustos, frágeis, pálidos, e a multidão, a eterna multidão forte e movediça, que execra e brada contra César, owindo a Bruto, e chora e aclama César, owindo a Antônio, toda essa humanidade real e verdadeira. E acabemos aqui; acabemos com ele mesmo, que acabaremos bem. All is well that ends well (ASSIS, 1996, p. 232).

Esmerado criador de artificios, sabia ocultar com maestria o real motivo da crítica política, nesta, de 23 de abril de 1893, refere-se sutilmente ao governo de Floriano Peixoto e a uma incerta segunda Revolta da Armada, sem citá-los. Abrir a crônica invocando Hamlet, e concluí-la recorrendo novamente a outra de suas peças, diretamente no original, “*All is well that ends well*”, requer muito mais do que cumplicidade com seu leitor. Lamentar-se pela distância cultural e perder-se em alegorias, em alusões aos clássicos, às leituras de grandes escritores, pensadores, políticos – ora parodiando-os, ora citando-os sem grandes referências – demanda, primeiramente, um conhecimento de mundo restrito a uma pequeníssima parcela da população carioca. Segundo, compele, hoje, leitores de primeira mão, a recorrer às notas de rodapé e à inevitável dúvida: haveria verdadeira coparticipação de obras literárias, teatrais, do conhecimento de crises políticas nacionais e estrangeiras? Não seriam as notas explicativas igualmente obrigatórias à época em que aquelas crônicas foram publicadas?

Ao se pesquisarem exclusivamente suas crônicas, é imperativo notar que os cronistas brasileiros modernos lhe devem muito, das digressões – “não sei bem onde tínhamos ficado, antes desta digressão. Fosse onde fosse, vamos ao fim que é mais útil [...]” (ASSIS, 1996, p. 72), aos desvios momentâneos, ou prolongados, que inauguram aquele momento efêmero. Constata-se que uma leitura, à primeira vista fragmentada, acaba por vincular, no decorrer do texto, o pretexto que servira de recurso para comentar ou criticar a matéria em pauta. Certamente, a crônica machadiana inaugura a crônica brasileira e estabelece, com a independência intelectual e distanciamento crítico de seu autor, novos modos de entender o cotidiano de uma metrópole que se reeuropeizava, que almejava a Civilização a qualquer preço, que se pretendia branca, e em busca de uma (nova?) identidade, nem que para tanto tivesse que se esforçar na busca de estratégias de esquecimento, sobretudo para apagar a pecha de país escravocrata.

Ler Machado como um mimetizador da realidade e encontrar em sua natureza anárquica o modo como contrariava padrões e dogmas estabelecidos é torná-lo universal, ao mesmo tempo que, localmente, a quintessência carioca da

belle époque tropical. Sobressai neste artigo o Machado leitor do *Daily News* e do *The Times*, o conhecedor, para além da francofonia, de uma cultura literária que se formara lendo Shakespeare, Chaucer, Swift, Sterne, Dickens, Thackeray, Defoe, Fielding, o tradutor de Poe – como se depreende de suas presenças diretas e indiretas em inúmeras crônicas. Na verdade, reconhece-se o Machado de Assis quase a exibir-se como anglófilo e atraído pelos Estados Unidos.

“O passado governa o presente.” Parecia até interessar-se pela falácia do tempo ao introduzir o objeto de crítica daquela semana. Nada diz exatamente sobre o presente, mas é nele, na “presente” crônica, que invoca o tempo como se comprimisse passado, presente e futuro, realizasse o imaginário tempo tríplice ao comentar notícia “trazida por jornais americanos”. Encontra espaço e oportunidade para invocar, em 18 de junho de 1893, o passado de “outros”, o americano, unindo-o a dois presentes, o deles – da exposição de Chicago, *The Chicago World’s Fair* que, naquele ano celebrava o 400º aniversário da chegada de Colombo ao Novo Mundo – e o nosso, de então, e expusesse as dessemelhanças entre o brasileiro e o “ianque”, sem saber que essa diferença era e seria desde sempre.

É nessa convergência de tempo que Machado evidencia as disparidades, defende os “outros” como patriotas atávicos. Revela não só conhecimento, mas também interesse na história americana recente e passada quando lembra o *Liberty Bell*, uma das mais proeminentes representações de liberdade e justiça e ícone da independência dos Estados Unidos, mais especificamente, da Guerra de Revolução Americana, e compara tal deferência ao descaso dos brasileiros (do cronista) por coisas nossas,

[...] o passado governa o presente. Que o passado governa o presente, houve aqui notícia, trazida por jornais americanos descrevendo a viagem do sino da liberdade até Chicago, onde foi tomar parte na exposição. Esse famoso sino repicou pela liberdade das colônias americanas, há mais de século. Já não toca, é uma velha relíquia. Eu, se ele me pertencesse, já me não lembrava sequer de seu tamanho. Mas o ianque é uma singular mistura de dólar e pomba mística. Tem a veneração daquele sino. Um gentleman, escreve um noticiarista, saído da multidão, tirou uma rosa que trazia ao peito, e pediu a um dos condutores da grande relíquia que tocasse a rosa nela. Assim se fez, e o homem repôs a flor ao peito, tão cheio de si como se levasse o maior brilhante do mundo. Políticos fizeram discursos, meninas colegiais saíram a saudar o sino da liberdade; onde quer que ele passou, fez palpitar alguma coisa íntima e profunda (ASSIS, 1996, p. 256).

Ressalte-se, além do cronista anônimo a soltar farpas contra os costumes parlamentares brasileiros, o Machado crente no destino coletivo da humanidade, em “A reforma pelo jornal”, na revista *O Espelho*, em 1859 – “não creio no destino individual” – e garantir que somente o jornal seria capaz de evitar uma “organização desigual e sinuosa da sociedade”. Saliencia que somente por meio de sua leitura “todos os membros do corpo social” aspirariam aos direitos cívicos e fariam uso de uma “ação democrática”:

A história é a crônica das palavras. [...]. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é monólogo, é a discussão (ASSIS, 1973, p. 963).

Conquanto as cartas-abertas escritas durante aquele ano não tivessem tido o objetivo de apresentar suas crônicas futuras, admitem uma leitura-introito do que se apresentaria como a inauguração de um estilo de abordar e comentar a política nacional de forma crítica, porém espirituosa.

AS YOU LIKE IT OU O ANGLICIZADO

“*As you like it*, – ou, como diríamos em português, *Como aprouver a Vossa Excelência*”, assim Machado de Assis (1973, p. 501), em 16 setembro de 1888, em *Bons dias!*, inicia as anotações sobre a comédia shakespeariana que vira encenada em três dias, desculpando público e artistas que, diferentemente dele, não a conheciam: “espectadores aplaudiram por engano umas cenas [...]; mas a culpa foi dos amadores, que não pronunciaram bem o inglês”. Mostrar-se com menções às suas leituras nos originais em inglês, como se depreende das inúmeras citações de Hamlet, Shylock, Iago, Antonio e Cleópatra, ou ainda, com o acompanhamento de espetáculos teatrais de companhias estrangeiras e nacionais que se apresentavam para a elite carioca, parecia-lhe agradar. Não escondia que, ao fazê-lo, dirigia-se à ínfima parcela da população, como escrevera em 1876, em “História de 15 dias”, causticamente citando o burro para lembrar da porcentagem de analfabetos do país: “E por falar neste animal, publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler” (ASSIS, 1973, p. 344).

Recorde-se que no Rio de Janeiro pós-republicano as ideias modernas eram apresentadas, discutidas, assimiladas e difundidas pelas elites intelectuais e políticas, detentoras que eram da chance de experimentar sensibilidades semelhantes diante do mundo – participavam mais ativamente da transnacionalização da cultura e tornavam-se responsáveis pela recomposição das culturas urbanas. Por essa razão, muitos recebiam apelidos pouco lisonjeiros como Machado, o de “mulato inglês”, explica Freyre (2000, p. 28):

Todos eles – inclusive o mais caboclo do grupo: Euclides – assimiladores de sugestões exóticas que desenvolveram, recriaram, grecoidamente deformaram ou apenas abasileiraram, fazendo-se significativos por suas originalidades e por sua brasileiroidade. O que é certo dos, dentre eles, acusados de terem se anglicizado como Machado – por alguns chamado “mulato inglês”; ou se afrancesado ao ponto de terem desnaturado pelo afrancesamento a língua portuguesa, como se disse de Joaquim Nabuco; ou se tornado um subinglês no seu modo de ser idealista prático: acusação feita a Mauá; ou um simples imitador do americano Cooper no seu indianismo: acusação feita ao tão brasileiro José de Alencar [...].

Os intelectuais partilhavam o mesmo gosto e senso estético, e asseguravam seu fluxo nas salas literárias, cafés e livrarias, como a Garnier, favorita de Machado. Resgatam-se em suas crônicas incontáveis contraposições culturais e políticas entre o Brasil e a Inglaterra – “todo homem sério gosta de comparações”, justifica-se ele, especialmente quando menciona os parlamentares, seus ideais, suas comemorações, junto ao desejo de que o Brasil fosse uma “república parlamentar”, semelhante àquele país,

Primrose day! Oh! se pudéssemos ter um primrose day! Esse dia de primavera é consagrado à memória de Disraeli pela idealista e poética Inglaterra [...]. Oh quem nos dera um primrose day! (ASSIS, 1996, p. 241).

Em 14 de maio de 1893, refere-se ao 19 de abril de 1881 quando fora instituído *O Dia da Prímula*, até hoje comemorado – celebra-se a morte de Benjamin Disraeli. Na ocasião, a rainha Victoria enviou um buquê daquelas flores, preferidas do primeiro-ministro inglês. Machado exortava a que se fizesse o mesmo,

Vivam as flores! Gladstone não fala na Câmara dos Comuns sem levar alguma na sobrecasa [...] Imaginai o efeito que nos faria Rio Branco ou Itaboraí com uma rosa ao peito, discutindo o orçamento, e dizei-me se não somos um povo triste (ASSIS, 1996, p. 241).

William Gladstone, do Partido Liberal britânico, constantemente citado como “old great man”, foi quatro vezes primeiro-ministro. Machado indaga seu leitor, em 17 de julho de 1892: “é natural que lhe perguntes a propósito da Inglaterra, como é que se explica a vitória eleitoral de Gladstone, e a sua próxima subida ao poder”. Comparando a República do Brasil aos figurinos britânicos, ao imaginar-lhe uma resposta mordaz, deixa transparecer sua quase inconfessável posição política, sua nostalgia pelo antigo regime:

[a viúva amiga] responderá que é a coisa mais natural do mundo, e que logo que tenhamos república parlamentar, isto nos há de acontecer freqüentes vezes; que a oposição, como agora na Inglaterra, instará para que a Câmara seja dissolvida; que o ministério, receoso de cair, levará a negar a dissolução, como se deu na Inglaterra; que, alcançada a dissolução, o povo elegerá os oposicionistas, e o ministério irá pedir a demissão ao presidente; finalmente, que assim aconteceu até 1889 com a monarquia, e não há razão para que não aconteça depois de 1889, com a República (ASSIS, 1996, p. 91).

Em 8 de maio de 1892, o assunto é a possibilidade de o Estado de Mato Grosso tornar-se soberano em relação à “nova república una e indivisível”; além das contraposições entre os dois países, comenta a leitura de jornais londrinos que mencionavam a longa distância do Estado em relação à capital do país e a bizarra ideia de passá-lo à Inglaterra:

Se eu fosse governo, aceitava o conselho, e pregava uma boa peça à nova república, abandonando-a, não à sua sorte, como dizem as duas folhas, mas à Inglaterra. A Inglaterra também perdia no negócio, porque o novo território ficava-lhe muito mais longe; mas, sendo sua obrigação não deixar terra sem amanhã, tinha de sua o topete só em extrair minerais, desbastar, colonizar, pregar, fazem em suma de Mato Grosso um mato fino (ASSIS, 1996, p. 54).

Tentava, no entanto, isentar-se da ideia de separação: “Eu, rigorosamente, não tenho nada com isto. Não perco uma unha do pé ou da mão, se perdermos Mato Grosso”. O sarcasmo com que trata as coisas do país perpassa grande parte das crônicas do período. Sua maneira de interpretar a realidade e o detalhismo de uma quase reportagem-narrativa transformam suas crônicas em leitura possível no século XXI, pois revestem-se da leveza de uma ligeira prosa semanal. Em 1º de outubro de 1893, registra o significado do espetáculo do presente conflitante: “Comparando os dois fenômenos, lá [Londres] e cá, repito o que disse a princípio. Leitor, o mundo está para ver alguma coisa mais grave do que pensas”. Arrisca-se a definir o próprio gênero, o próprio texto que acabara de publicar: “Não peças lógica a uma triste pena hebdomadária. A regra é deixá-la ir, papel abaixo, pingando as letras e as palavras, e, se for possível, as

idéias”. Defende-se: “Estas acham-se muita vez desconcertadas, entre outras que não conhecem, ou são suas inimigas” (ASSIS, 1996, p. 309).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em várias oportunidades Machado de Assis (1996, p. 309) justifica o gênero literário breve desobrigando-se das polêmicas levantadas e críticas veladas em torno da cultura, da política, da economia, da divulgação científica: “Não ligo nada, meu amigo. Quem puder que as ligue; eu escrevo, conluo e despeço-me”.

Seu estilo meio atravessado não revela explicitamente sua posição na escolha dos temas ou comentários. Cronista e leitor parecem coniventes nas estimulantes provocações, mantêm-se vigilantes: “Sejamos suportáveis, cada um a seu modo”. Sempre presentes, confundem-se em sua pena e convidam os leitores de hoje a misturar-nos a eles, a participar hoje e sempre daquela cumplicidade: “Bem: faça o resto da crônica”, convida em 5 de fevereiro de 1893 (ASSIS, 1996, p. 194).

Ler as crônicas de Machado é uma experiência atemporal. A realidade tríbia acaba por provocar um estimulante jogo de intercomunicação entre seus textos. O tempo arremessa-se sobre nós vindo do passado, vindo do futuro para precipitar-se na presente leitura. Dirigir-se àquele tempo é avançar, muitas vezes, para o que não foi ou, para o que já passou, para o que está se passando, e, talvez, imediatamente, lançar-se para o futuro. Ler Machado de Assis é uma experiência de que jamais se esquece.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1973. v. III.

_____. *A Semana, crônicas (1982-1893)*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

FREYRE, G. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

_____. *Inglêses no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

HANNA, V. H. As you like it: Machado, the *tríbio* time, the newspaper columns, the Anglicised. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 1, p. 16-22, 2009.

Abstract: *To re-read Machado de Assis' newspaper columns from the perspective of Freyre's tríbio time is a particular way to examine his journalistic text. In spite of the ephemeral characteristic of the genre, it goes much further of its time revealing a non-simultaneity of time in a text that does not get old with the passing of years, but it is transformed into a historical document, into primary source for cultural studies researchers, historiographers, journalists.*

Keywords: *Machado de Assis; tríbio time; newspaper columns.*